Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade
Igarapé ISSN 2238-7587

Sparitsa: o encantado amazônico nas poéticas da voz Rikbaktsa

Sparitsa: the enchanted amazon in the poetry of the Rikbaktsa voice

Vanilda dos Reis1

Resumo: Este estudo apresenta e analisa uma narrativa oral do povo Rikbaktsa, que nos leva a conhecer o *Sparitsa*, um ser antropomorfizado que se materializa a partir de memórias e vozes deste povo que milenarmente habita o vale do rio Juruena, sendo gravada em 2017, quando um narrador nos desvelou um dos seus encantados. A narrativa que foi coletada na Aldeia União, local que sediou um encontro de narradores experientes, será analisada à luz de Raymundo Heraldo Maués (1995), Walter Benjamin (1987) e François Hartog (1999) que respectivamente abordam: os encantados da Amazônia, o narrador oral e o ato narrativo; que já não é mais tão comum nos dias atuais, pois as forças produtivas cada vez mais, tem abreviado o tempo e enclausurado os narradores. Deste modo, neste estudo, escutar o outro é uma forma de respeito e também um retorno ao passado, em busca das raízes e da essência da humanidade, cuja sensação nos sugere que foi perdida entre os labirintos da Revolução Tecnológica, da Revolução Industrial, da Era Digital. Durante as análises, o que nos chamou a atenção na figura do encantado são os traços semelhantes aos do colonizador: pele branca, postura intimidadora. No decorrer dos anos de pesquisa pude constatar que a região Noroeste, mesmo não fazendo parte do mercado editorial, possui Literatura, que se materializa no costurar de vozes dos moradores, podendo ser apreciada, presenciada ou pesquisada pelo crivo da crítica literária.

Palavras-chave: Povo Rikbaktsa; Encantado; Narrador; Narrativa; Poéticas da Voz.

Abstract: This study presents and analyzes an oral narrative of the Rikbaktsa people, which introduces us to the Sparitsa, an anthropomorphized being that materializes from the memories and voices of this people who have inhabited the Juruena River valley for millennia, being recorded in 2017, when a narrator revealed one of his enchanted beings to us. The narrative, which was collected in Aldeia União, a place that hosted a meeting of experienced narrators, will be analyzed in light of Raymundo Heraldo Maués (1995), Walter Benjamin (1987) and François Hartog (1999), who respectively address: the enchanted beings of the Amazon, the oral narrator and the narrative act; which is no longer so common today, as productive forces have increasingly shortened time and confined narrators. Thus, in this study, listening to others is a form of respect and also a return to the past, in search of the roots and essence of humanity, which we feel has been lost in the labyrinths of the Technological Revolution, the Industrial Revolution, and the Digital Age. During the analysis, what caught our attention in the figure of the enchanted one were the features similar to those of the colonizer: white skin and an intimidating posture. Over the years of research, I was possible to see that the Northwest region, even though it is not part of the publishing market, has Literature, which materializes in the weaving of the voices of its residents, and can be appreciated, witnessed, or researched through the sieve of literary criticism.

Keywords: Rikbaktsa People; Enchanted; Narrator; Narrative; Poetics of the Voice.

Memória e vozes Rikbaktsa na tessitura das tramas literárias

A Literatura na região Noroeste de Mato Grosso, se faz em sua maioria pelas memórias e vozes de moradores da região, principalmente daqueles com faixa etária mais avançada, que

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); Professora efetiva da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT). Pesquisadora de Literatura Popular, Literatura de Autoria Indígena, Literaturas Amazônicas e Manifestações Culturais de Povos da Amazônia. E-mail: vanilda.rs@gmail.com. Orcid 0000-0002-8888-9718.

conservam o gosto e o hábito de contar experiências vividas ou conhecidas. Essas vozes que compõem a Literatura Regional são marcadas por características específicas de cada narrador ou do grupo ao qual ele pertence, formando um belo caleidoscópio composto por biografias, sagas de famílias, relatos de testemunho, causos, mitos, lendas, poesias, cantos, cantigas, provérbios, entre outros.

Deste modo, as poéticas da voz, que são a gênese de inúmeras manifestações literárias, acabam por construir uma identidade literária na região e nos levou, durante os anos de 2016 a 2018, a realizar uma pesquisa, que resultou em dissertação, elaborada a partir de dezesseis horas de gravação com narradores anciãos da comunidade indígena Rikbaktsa, imemorialmente habitantes do vale do Juruena e seus afluentes, compreendendo os municípios de Brasnorte, Juara e Cotriguaçu. Parte das narrativas foram divulgadas na dissertação intitulada: *Os guardiões do vale do Juruena: Rikbaktsa*[2]; e as demais, foram arquivadas no acervo pessoal da pesquisadora, com autorização da comunidade.

Como primeiros habitantes da região, os Rikbaktsa possuem uma cultura complexa e mesmo após as inúmeras violações sofridas pela invasão e convivência com os não indígenas (desde a década de 1950), muitos aspectos de sua cultura permanecem fortes. A identidade Rikbaktsa foi construída a partir de crenças, regras e organização política específicas, que a difere dos demais povos da região e também do Brasil. Observados em seus aspectos mais notáveis, este modo de viver se completa em uma explosão de cores, formas, texturas, ritmos, aromas e sabores, no fazer diário do artesanato, da culinária tradicional, da canção cantada em língua Macro-Jê enquanto lavra a roça ou embala a criança no singrado da rede de dormir.

Os narradores Rikbaktsa costumam dividir suas narrativas em dois grandes grupos: sendo as histórias de antigamente e as histórias de hoje. Estas, são as que apresentam autoria individual, possui moldura histórica, cujos temas variam entre autobiografias, biografias, relatos de testemunho, a chegada dos não indígenas, a luta pela demarcação de terras, a condição de indígena na sociedade, entre outros. Já as histórias de antigamente costumam ser narrativas carregadas de ancestralidade, oriundas da oralidade performática, mítica, lendária, com traços de autoria coletiva e narram os primórdios, o ato criador, a existência humana ou de animais, vegetais, até mesmo das pedras que se amontoam às margens dos rios.

[2] REIS, Vanilda. Os guardiões do vale Juruena: Rikbaktsa. Dissertação (mestrado em Estudos Literários) - Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Tangará da Serra, p 82. 2018. Disponível em: <https://portal.unemat.br/media/files/PPGEL/Dissertacao_final-Vanilda_dos_Reis.pdf> Acessado em 28/12/2024 às 22:10

Com a chegada dos não indígenas, as narrativas ancestrais se amalgamam com as oriundas do Cristianismo, fazendo com que, na atualidade, poucos membros dominem a tradição. Durante a gravação, houve um esforço, por parte da pesquisadora, por registros de um terceiro grupo de narrativas, que permitisse entrever as crenças tradicionais Rikbaktsa e quem eram seus encantados, antes da chegada do não indígena. Concluiu-se que o proselitismo gerou um quase apagamento destes traços, dando origem a um discurso religioso inculcado até mesmo em alguns anciões considerados guardiões dos costumes tradicionais.

A narrativa apresentada neste estudo foi a única possível no *corpus* composto por 16 horas de gravação, com cinco narradores em idade acima de sessenta anos e apenas um, com um pouco mais de quarenta. Joaquim Zikata Rikbakta, fazia parte da organização do evento, dando suporte como piloto de barco, no entanto a atração pelo "dizer" e pelo "significar" o levou a acionar a memória em uma tarde de julho do ano de 2017 e narrar-nos um dos encantados da etnia, que ainda sobrevive em meio aos discursos religiosos inculcados durante as décadas de missão.

1 Sparitsa: o encantado amazônico nas poéticas da voz Rikbaktsa

As duas principais funções da linguagem são "**indicar** e **representar** um ser ou um acontecimento" e isso envolve o "querer dizer" e o "significar" (Grifo meu - JOLLES, 1976, p.46). A partir dessas duas intenções, o narrador organiza uma disposição mental e a transforma em gestos verbais e corporais que se cristalizam e que assumem uma configuração em um determinado tempo e espaço. A palavra proferida passa a ser necessariamente de circunstância, de realização única, haja vista que o ato enunciativo não se repetirá da mesma maneira, mesmo que o narrador queira.

Deste modo, é preciso destacar que essa palavra proferida pelo narrador, é poder, pois está carregada de intenção e significado, podendo alcançar dimensões inesperadas, esmaecendo fronteiras, vencendo os séculos. Palavra-poder, como observa Todorov (1980), em *Gêneros do discurso*, porque dela emana experiência do vivido que se materializa pela experiência de narrar, como na narrativa agora apresentada:

> O *Sparitsa* é igual gente, só que ele anda assim molão. Bobão assim. Ele é meio mole. Parece deficiente. Parece que foi feito sem osso, sabe? Depois... o cabelo dele é cumprido e increspado. Eles conta que o cabelo dele bate bem aqui (aponta na altura da cintura). Aí, tem escorpião grudado no cabelo dele.

Eles fala que é o piolho dele. Tem escorpião, aranha, lacraia, tucandira... daqueles formigão, né? Eles fala que o colar dele é uma cobra grande enrolada assim, no pescoço. Já essas cobra pequena, eles fala que é pursêra, que fica enrolada no braço. Ele é tudo cheio de bicho no corpo: cobra, escorpião, carrapato, esses bicho aí. Às vezes num dá nem pra vê a cara dele direito de tanto bicho. E tem mais, as arara fica sempre em volta dele. Quando a senhora tivé andando no mato e vê um bando de arara, tem que ficá esperta, viu? Tem *Sparitsa* por perto. [...]

Eu tava com uns sete, oito anos e acompanhava meu padrasto, né? Quando nóis era pequeno, ele levava pra acompanhá ele, pra cortá estradas. Seringa, né? Ele tinha seringal. Um dia, ele tinha matado um tamanduá e o bicho morreu bem longe. Lá em cima de um morro. Aí, ele falô pra mim: "Ocê fica aí e eu vô lá." No mato, ocê tem que ficá muito esperto, atento. Talvez aparece o bicho ou qualquer outra coisa. Ocê tem que rodiá naquela catana de pau (raízes saliente). Aí, ocê rodia por trás e esconde. Eu vi ele (padrasto) subindo o morro. Ele tinha largado umas três fecha comigo, mais sem o arco, sem nada. Ele me deu também um facão. Facãozinho pequeno e eu fiquei lá olhando ele subir o morro. Dentro do mato, onde tem aquele cerrado a gente vê longe, né? Eu fiquei prestando atenção no meu padrasto e quando eu tirei o zóio dele e olhei do lado, aí vi o bicho. Branco, branco! Eu nunca vi daquele jeito. Da cor desse papel (aponta para a folha do caderno aberto em cima da mesa). Eu fiquei lá olhando. Ele veio de encontro de mim. Deu um arrepio ne mim. Corri pra trás da catana de um pau e fiquei olhando. Aí ele vinha, vinha, vinha. Acho que ele sentiu meu chêro, aí ele saiu fora da estrada. Eu vi ele passando e eu fui afastando devagarinho de trás da catana do pau e o bicho foi lá pro lado do meu padrasto. Demorô um pôco, daí ele veio e perguntou: "O que que passô ali?" Eu falei: "Oia, eu ví um bicho. Não sei que bicho que é não, mais parecia gente e era muito branco!!!" Ele falô: "Eu escutei um barulho. Passou pra lá, né?" Eu falei: "Foi!" E aí ele falô: "Vamo bora?" Quando nóis chegou lá na frente, tinha um rasto igual rasto de criança. Aí meu padrasto falou "É espiríto mesmo!" Aí, nóis seguimo cortando seringa. Num encontramos nada naquele dia. Nem porco, nem macaco, nem passarinho. Nada!!! É assim quando o espírito passa. Dá azar naquele dia. Eu nunca falei nada pra ninguém. Agora que eu tô contando essa história... depois de tempo e isso aconteceu quando nós morava lá na Aldeia Nova. [...]

O *Sparitsa* quem viu bem de pertinho foi Vicente lá no Escondido, na época que eles tava abrindo a aldeia, sabe? Lá no Escondido tem demais desse bicho. Na época que o Vicente viu, lá era só mata, mais tinha carreadô de maderêro. A estrada era bem limpa, reta, dava pra ver como daqui lá em Fontanillas (aproximadamente 500 metros). Eles ficaro sem comida no barraco. O arroiz tinha acabado, açúca, ólio, sal... Eles tava quase sem nada. Aí ele falô pro tal de Maurão: "Vai lá no barraco dos maderêro e vê, se eles tiver lá, dá um jeito de arrumá um arroiz pra nóis comê, porque nóis num pode passá fome. Daí ocê traz café, açúca, ólio, sal, sabão... Si ocê demorá eu vô de encontro." Aí ele foi, né? Sumiu. Foi láááá no fundão do matão. Ele conseguiu arrumá sabão, meio pacote de café, arroiz, açúca, ólio... Mais ele demorô e o Vicente foi atrás. Ele foi até uma certa altura da estrada e num viu ninguém. Ele resolveu voltá. Na hora que ele tava voltando, ele olhô lá na frente e viu que tinha um negócio mexendo. Ele falou: "Uai? Será que é gente ou é algum bicho passando?" O negócio tinha acabado de varà na estrada e tava indo, andando no carreadô. Aí ele falô: "Parente nosso num é, porque é branco." Aí ele foi andando ligêro atrás dele. O bicho ia lá andando com os braços abertos assim...

> molão, molão. Vicente tava com um 22, né? Qualquer coisa ele dava um tiro nele. Ele foi andando ligêro. Quando chegô quase perto... como daqui na casa do Gibé (aproximadamente 50 metros), ele parô e ficô olhando e falô sozinho: "Uai... mais isso num é gente não! Será que é o *Sparitsa*? Ah, mais num é possível!!!" Aí ele andô de novo. Chegô cumo daqui naquela pedra (10 metros aproximadamente), aí ele parô, ficô olhando. Ele olhava o rasto dele e pensava: "Uai... como que o pezinho dele tá virado pra cá e ele tá indo pra lá? Ah! Isso aí num é gente não! Isso é *Sparitsa* sim!!!" Ele falô que o pezinho dele é carcanhá pra frente e dedinho pra trás. Dos dois lado. Ele foi olhando um bom pedaço até que o vento bateu de lá pra cá, com aquele cheiro catinguento que o *Sparitsa* tem. Diz ele que ficô tonto na hora e teve que pará. Depois da tontura, ele ficô meio bobo, sem sabê direito o que fazê. Aí ele foi voltando pra trás. Olhô de novo, aí viu o cabelão dele batendo até aqui (novamente aponta na altura da cintura). Ele reparô melhor e viu que tinha cobra no pescoço, cobra no braço, escorpião no cabelo. O cabelo dele é meio increspado assim. Daí o *Sparitsa* entrô no mato, saiu fora da estrada e o Vicente falô: "Isso aí é um *Sparitsa.* Meu Deus do Céu!!!" Ele ficô lá sentado na beira do carreadô uma meia hora. Dava arrepio nele tudinho. Ficô sem corage de nada e falô: "Isso aí é sim o *Sparitsa*!!! Eu vô embora!" E foi. Cai aqui, levanta ali... todo mole, bobão. Tinha um morro pra ele subi. Ele mesmo falô que ele num conseguia subi o morro. Subia querendo cai pra trás. Daí ele aprumava e andava mais um pôco. Tava igual bêbo de tão fraco. Foi, foi, foi... até que conseguiu subi. Quando ele olhava pra trás assim, dava arrepio nele. Foi, foi, foi... passô na baxadona, passô no porto, atravessô remando a canoa e foi lá pro barraco dele. Num falô nada também. Chegô lá ruim e deitô. A muié dele perguntô: "O que foi?" Ele num falava mais nada. Trancô tudo a garganta dele. Num conversava mais. Ele tava igual gelo e ela falou: "Uai? O que que tá acontecendo cum ocê?" Ele num falava nada, daí ligaro lá pro motorista da saúde pra buscá o Vicente. Quando ele voltô ao normal, perguntaro pra ele o que que aconteceu, mais ele num falô nada. O povo ali da Cerejêra (aldeia Cerejeira) tinha falado pra ele que num podia contá na hora. Assim, como de hoje pra amanhã, ocê num pode falá nada, né? Tem que deixá passá primeiro. Depois de uns dias ele contô que tinha visto um bicho branco, que era bem molão. Aí o povo confirmô que aquilo era um *Sparitsa* e que ele ataca só com a catinga dele. Diz que derruba ocê na hora. Aí ocê fica tonto, bobo, né? Num tem como ocê corrê (REIS, 2018, p.60-62).

Os encantados como o *Sparitsa* costumam ser objetos de estudos de diversas áreas, principalmente na antropologia, sociologia, narrativas literárias e folclore na Amazônia. Neste estudo estaremos situados nas duas últimas áreas, destas aqui destacadas. O termo "encantado" aparece quando se fala de religiosidade popular no Brasil inteiro, porém na Amazônia ganha um sentido específico e abrangente.

Para Maués (1995), os encantados se manifestam principalmente para pessoas comuns, que sem passar pelo processo de morte material do corpo, têm contato com um mundo espiritual. No entanto, o mundo dos encantados amazônicos é ao mesmo tempo espiritual e natural, pois percorre lugares reais como, os espaços subaquáticos, cachoeiras, matas, cavernas, entre outros. Terra, flora, fauna e água estão intimamente ligadas às representações das moradas

dos encantados. De acordo com este estudioso, esta crença oriunda da cultura do homem amazônico é um dos elementos mais significativos da identidade regional, principalmente onde vivem as comunidades tradicionais. Dito de outro modo, é fora dos grandes centros urbanizados dos estados que compõem a Amazônia, que podemos vislumbrar este traço cultural.

Sendo assim, sobre os encantados, temos a ideia de que são seres espirituais, mas que não devem ser confundidos com os espíritos dos mortos, pois não obedecem a ideia do plano espiritual Cristão, e sim dessas religiões populares. Nessa perspectiva, muitas vezes é necessário que o forasteiro se desloque de seu mundo, para compreender o mundo das pessoas que habitam comunidades tradicionais.

Com base na narrativa apresentada por Joaquim Zikata Rikbakta, a obra a seguir foi produzida por Demerval Pires Gaspar (2018), artista e estudioso de culturas tradicionais, especialmente para a defesa da dissertação, hoje publicada na página do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT:

Figura 1 - O *Sparitsa*

Fonte: acervo particular da pesquisadora

Durante as pesquisas *in loco* percebeu-se que este tipo de narrativa já não é tão comum entre os narradores Rikbaktsa e constituiu-se como um achado em meio às narrativas. Foi em uma tarde de intervalo de um encontro com anciões, na prainha da aldeia União, situada no primeiro dos três territórios reconquistados pelos Rikbaktsa, que "encontramos" o *Sparitsa*.

No ato narrativo, a memória de Joaquim Zikata Rikbakta escolheu narrar uma história que se passou com outro Rikbakta, ou seja, conforma uma apreensão da experiência vivida por uma terceira pessoa, passando a narrar dentro de um segundo nível da enunciação, cuja tessitura narrativa é composta pelo estatuto daquilo que se "ouve" e não mais daquilo que se "viveu".

Para Hartog (1999), o plano do enunciado é composto por dois níveis, sendo que o primeiro abriga as narrativas cuja existência esteja ligada diretamente ao narrador que "viveu" ou "viu" o fato narrado, enquanto o segundo nível abriga as que estejam relacionadas a uma terceira pessoa, cuja atuação do narrador se limita ao fato de ter ouvido o acontecimento narrado.

Este nível também é balizado pelas marcas do narrador, que recorre à autópsia para dar veracidade ao ser ou acontecimento narrado, porém essas marcas passam para o segundo plano que é o do "eu ouvi". Embora haja inferioridade do "acontecimento ouvido" em relação ao "acontecimento vivido", este não tira do narrador a autorização ou credibilidade. Quando o "eu vi" já não é mais possível, é o ouvido que passa a ser convocado, ganhando credibilidade e poder, embora o narrador engaje-se menos, mantendo-se a certa distância da sua própria narrativa, deixando mais espaço para o ouvinte modular sua crença sobre aquilo que ouve (HARTOG, 1999).

Na narrativa de Joaquim Zikata Rikbakta, concebida pelas características do assombro, ele afirma ter ouvido a experiência da própria personagem que a viveu: "O *Sparitsa* quem viu bem de pertinho foi Vicente lá no Escondido na época que eles tava abrindo a aldeia, sabe? [...] (ZIKATA RIKBAKTA, 2017)".

Nas palavras do narrador, é na Terra Indígena Escondido que o encantado pode ser encontrado com mais facilidade: "[...] Lá no Escondido tem demais desse bicho [...] (ZIKATA RIKBAKTA, 2017)". Dos três territórios pertencentes ao povo Rikbaktsa, o Escondido é o maior em extensão e o menor em população. Deste modo, aqueles que se aventuram pela terra despovoada ficam expostos às forças e mistérios da natureza, cheia de surpresas e riscos, transformando a aventura em ato agonístico quando Vicente começa a perceber que está diante do *Sparitsa*:

"Uai... mais isso num é gente não! Será que é o *Sparitsa*? Ah, mais num é possível!!!" Aí ele andô de novo. Chegô cumo daqui naquela pedra (10 metros aproximadamente), aí ele parô, ficô olhando. Ele olhava o rasto dele e pensava: "Uai... como que o pezinho dele tá virado pra cá e ele tá indo pra lá? Ah! Isso aí num é gente não! Isso é *Sparitsa* sim!!!" Ele falô que o pezinho dele é carcanhá pra frente e dedinho pra trás. Dos dois lado. Ele foi olhando um bom pedaço até que o vento bateu de lá pra cá, com aquele cheiro catinguento que o *Sparitsa* tem. Diz ele que ficô tonto na hora e teve que pará. Depois da tontura, ele ficô meio bobo, sem sabê direito o que fazê. Aí ele foi voltando pra trás. Olhô de novo, aí viu o cabelão dele batendo até aqui (novamente aponta na altura da cintura). Ele reparô melhor e viu que tinha cobra no pescoço, cobra no braço, escorpião no cabelo. O cabelo dele é meio increspado assim. Daí o *Sparitsa* entrô no mato, saiu fora da estrada e o Vicente falô: "Isso aí é um *Sparitsa*. **Meu Deus do céu**!!!" (**Grifo nosso** - REIS, 2018, p.61).

Ao se ver sozinho na floresta e com o encantado logo à sua frente, o ato agonístico vivido por Vicente chega ao ápice e o conduz a invocar uma religião que não é a sua por tradição. Este traço coloca em evidência as marcas da transculturação ou mesmo do proselitismo religioso na etnia, que passou a conviver com missões religiosas a partir da década de 1950.

Para Treviño (2013) o assombro é algo comum na trajetória humana e cada época traz em si motivos suficientes para assombrar, pois o homem primitivo assombrava-se com o fogo; o medieval com a pólvora; o da renascença com a bússola; o da modernidade com a penicilina, eletricidade, cinema, etc. Na sucessão dos séculos, foi a geniosidade do homem o elemento que assustou o próprio homem. O espírito se comove ante ao desconhecido, inesperado, inusitado ao ponto que, sem o assombro, não se chega à parte alguma.

Deste modo, é a partir do inusitado, do inesperado e do insólito que o ser humano revela capacidades inimagináveis, inclusive as verbais; pois o narrador ao dar forma ao assombro, emprega a linguagem de maneira original, extraordinária, empregando o suspense, entre outras técnicas características deste tipo de narrativa. Assim, o indivíduo estando admirado com o que testemunha ou vive, acaba elaborando fábulas, lendas e narrativas diversas, como no caso da narrativa de Joaquim Zikata Rikbakta.

A disposição mental do narrador aciona a memória, fazendo contornos demorados e aguçando a curiosidade da ouvinte, naquela tarde quente na prainha da aldeia União, enquanto ele aproveitava a tarde de folga para lavar as suas roupas. Ao passo que enxaguava as peças, mergulhava também seu corpo no rio para se refrescar, enquanto a ouvinte, sem tirar os olhos e com o gravador na mão, quarava ao sol forte de julho, sentada em uma das pontas da tábua grande que servia como batedor de roupas.

Para Benjamin (1987), o narrador figura-se entre os mestres e sábios que compartilham, intercambiam tanto as histórias quanto o ato narrativo, cujo cerne é composto por um acervo de experiências próprias ou alheias que se acumulam ao longo da vida. Assim, quanto mais idade tiver o narrador, maior é a possibilidade de seu acervo e seu ofício se destacarem frente aos demais. A experiência demonstrada por Joaquim, ao introduzir a narrativa de forma branda, aguçando a curiosidade da ouvinte nos dois primeiros atos narrativos, é uma exemplificação do conceito de "mestre" e "sábio" supracitado por Benjamin.

De acordo com o mesmo autor, na arte literária são considerados grandes narradores, aqueles que se movem com facilidade, tanto para cima como para

> baixo, nos degraus da experiência (BENJAMIN, 1987). Ao observar o jogo narrativo e a performance de Joaquim Zikata Rikbakta, que sabe organizar o jogo narrativo, prendendo a atenção da ouvinte, percebe-se que os grandes narradores ainda existem, porém, dispersos em meio a sociedade focada na produção e no lucro, que muitas vezes não tem tempo para ouvi-los.
> Para descrever as características físicas do encantado, o narrador se exclui do evento narrado e escolhe a terceira pessoa do plural, evidenciando que a narrativa apresentada é uma herança cultural que recebeu de outros membros da sua etnia. Ao optar pelo pronome "eles", repetido paulatinamente, o narrador coloca o conhecimento produzido pela coletividade de seu grupo, acima dos saberes individuais. A mesma herança que recebe de sua comunidade, ele compartilha com a ouvinte, que recebe conselhos de como evitar um encontro com o temido *Sparitsa*:
> O *Sparitsa* é igual gente, só que ele anda assim molão. Bobão assim. Ele é meio mole. Parece deficiente. Parece que foi feito sem osso, sabe? Depois... o cabelo dele é cumprido e increspado. **Eles** conta que o cabelo dele bate bem aqui (aponta na altura da cintura). Aí, tem escorpião grudado no cabelo dele. **Eles fala** que é o piolho dele. Tem escorpião, aranha, lacraia, tucandira... daqueles formigão, né? **Eles** fala que o colar dele é uma cobra grande enrolada assim, no pescoço. Já essas cobra pequena, **eles** fala que é pursêra, que fica enrolada no braço. Ele é tudo cheio de bicho no corpo: cobra, escorpião, carrapato, esses bicho aí. Às vezes num dá nem pra vê a cara dele direito de tanto bicho. E tem mais, as arara fica sempre em volta dele. Quando a senhora tivé andando no mato e vê um bando de arara, tem que ficar esperta, viu? Tem *Sparitsa* por perto (**Grifo nosso** - REIS, 2018, p.60).

Na comunidade Rikbaktsa o elemento sobrenatural, seja encantado ou espírito dos que já morreram, causam medo e devem ser evitados, permanecendo apartados dos vivos. Um exemplo disso são os cemitérios, considerados locais contaminados e, como manda a tradição da etnia, devem ser evitados a qualquer hora ou dia. Assim como na maioria das comunidades indígenas, os mortos e os vivos não dividem o mesmo espaço.

A presença do *Sparitsa* nas florestas do vale do Juruena é um elemento que age com força para a sobrevivência da ancestralidade, pois é ele que interliga os tempos; e, ao enunciá-lo, os indígenas fazem conexão com os seus antepassados, ao passado de sua cultura, com quem ele foi antes mesmo de ser. Dito de outro modo, a consciência do indígena passa pela consciência do outro. Todavia, não o outro qualquer, forasteiro, pertencente a mundos distantes e, sim, do outro indígena do passado, o seu ancestral. Deste modo, quando o narrador aciona a memória e nos apresenta o encantado, ele ecoa as vozes do passado, uma vez que, aquilo que é visto por Vicente, também foi visto e igualmente assombrava seus antepassados.

Neste sentido, narrador deixa entrever de maneira forte a ancestralidade que sinaliza que a cultura está viva e que a criatividade, em alguma medida, se faz presente no homem moderno; porém, é necessário começar de novo, contentar-se com o pouco, construir com o

pouco, esquecer do todo e recomeçar a partir de um determinado ponto, como nos lembra Benjamin (1987).

Na forma memorável, como descrita por Jolles (1976), os pormenores funcionam como acessórios e alegorias que ao serem organizados pelo narrador, levam o ouvinte a um acontecimento de ordem superior. A criatividade demonstrada na capacidade de organizar os gestos verbais, interpolando temas, situações, personagens de modo a delongar a ansiedade da ouvinte, que ainda quarava ao sol, faz com que o narrador misture também trabalho e diversão, mergulhando fundo e demorado no rio, com a peça de roupa ensaboada em uma das mãos, interrompendo a narrativa por breves e agonísticos instantes.

As escolhas e movimentações de Joaquim Zikata Rikbakta, no interior da narrativa tinham uma intenção maior que pairava sobre o enunciado: narrar com uma boa dose de suspense a experiência de Vicente com o encantado, que apesar de não se mostrar hostil (assim como o não indígena), provoca espanto e medo ao derrubar o Rikbakta só pelo cheiro que exala do corpo vestido de insetos e animais peçonhentos.

Apesar da experiência de Vicente ser vivida na esfera individual, é na coletividade e na ancestralidade que ele se depara com a certeza de que havia encontrado o *Sparitsa*, pois "[...] Depois de uns dias ele contô que tinha visto um bicho branco, que era bem molão. Aí o povo confirmô que aquilo era um *Sparitsa* e que ele ataca só com a catinga dele. Diz que derruba ocê na hora. Aí ocê fica tonto, bobo, né? Num tem como ocê corrê." É também na coletividade que Vicente aprende como lidar com a situação de assombro, pois "[...] O povo ali da Cerejêra (aldeia Cerejeira) tinha falado pra ele que num podia contá na hora. Assim, como de hoje pra amanhã, ocê num pode falá nada, né? Tem que deixá passá primeiro [...]" (ZIKATA RIKBAKTA, 2017).

A narrativa de Zikata carrega, em si, um elemento que gera estranheza ao outro não indígena, porém, na comunidade é um elemento do cotidiano, pois é a estranheza que se revela como o limite entre dois mundos. Também é a estranheza que muitas vezes salva o corpo físico dos povos amazônicos dos perigos existentes na floresta. A convivência deste povo com o encantado, nos mostra que possuem uma cultura complexa, sensível, não mobilizada apenas pela racionalidade, pois abriga, em si, outras formas de ver o mundo, um mundo que não existe mais para a sociedade urbanizada, que busca respostas a partir da lógica, da racionalidade, da ciência.

Para Benjamin (1987, p.204), foi pela troca de experiências entre narradores que se teceu a rede em que se embala o dom narrativo, porém esta rede vem se desfazendo hoje, "por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho

manual.” Foi a partir do surgimento das forças produtivas que o tempo passou a ser abreviado. Com o estreitamento do *cronos* provocado pelos tempos modernos, a arte de narrar foi se aniquilando e, com ela, o declínio do intercâmbio de experiências que tornava a existência mais significativa.

Os fios que tecem o (des)encontro e a (des)ventura de Vicente com o *Sparitsa*, a partir das poéticas da voz de Joaquim Zikata Rikbakta, nos levam a compreender que o elemento que causa medo no indígena sempre foi o invasor, presentificado na narrativa pela cor da pele caucasiana, reconfigurado na imagem do encantado. Como evidenciou a narrativa, o *Sparitsa* não se mostrou hostil, porém, carrega consigo venenos letais e um cheiro tóxico, do mesmo modo como os colonizadores não se mostraram hostis no primeiro encontro com indígenas em 1500, descrito na carta de Pero Vaz de Caminha. Porém, mais tarde, com a letalidade de suas armas, agrotóxicos e doenças disseminadas propositalmente ou não, exterminaram ou dizimaram centenas de povos, causando o aniquilamento que facilitou as invasões territoriais em todo o Brasil.

Considerações Finais

No decorrer deste estudo, percebe-se que a região Noroeste de Mato Grosso não é nula dentro do arcabouço das produções e estudos de Literatura. Narrativas como as de Joaquim Zikata Rikbakta podem ser presenciadas nas vozes de aproximadamente uma dezena de povos indígenas e também a partir de pessoas oriundas de outros povos, como nordestinos, sulistas, entre outros, que trouxeram na bagagem suas narrativas.

Cada povo carrega consigo traços de um passado distante e na narrativa aqui apresentada, o traço mais evidente é a ancestralidade, marca ainda forte no discurso indígena do presente, que resiste a uma série de intervenções ocorridas ao longo de mais de cinco séculos no Brasil. Estas marcas começaram a ser observadas desde as publicações de estudos como Sílvio Romero (século XIX), passando por Câmara Cascudo (século XX) e outros tantos realizados e publicados, posteriormente.

Nem mesmo os apagamentos causados pelos esvaziamentos de significados dos símbolos, crenças e religiões ou a omissão de autorias, características destes estudos, provocou o declínio da experiência narrativa e o silenciamento das vozes ancestrais de povos como os

Rikbaktsa, que mesmo no século XXI, enclausurados pelas forças produtivas, encontram forças e formas para manter uma tradição e continuar tecendo a rede que embala o dom narrativo.

Narrativas como a de Joaquim Zikata Rikbakta nos permite um encontro com a Literatura Oral da região, podendo ser apreciada na sua forma primeira de linguagem e ainda nos permite um reencontro com um alguém que já fomos no passado: um sujeito que narrava histórias, contemplava a natureza, acreditava nas ameaças ou na proteção dos encantados. Deste reencontro, o desafio é buscar harmonia entre o tradicional e o contemporâneo, sem abrir mão de pequenas ações como prestar atenção nas estrelas, nas águas dos rios, no comportamento dos animais, nas sementes brotando da terra, no desabrochar das flores da mata e nos frutos crescendo nas árvores.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas, v.1. 7 ed. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em https://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta. Acesso em 02 de ago. de 2023.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto.** Ensaio sobre a O Espelho de Heródoto representação do outro. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

JOLLES, André. **Formas simples**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia.** Belém: Cejup, 1995.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso.** Tradução de Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TREVIÑO, Maria Eugenia Flores. O assombro como origem da Literatura Mexicana. In **Caderno de Cultura Nódoa no Brim**. Diário da Serra. Edição 04 ISSN 2238-6467 – Tangará da Serra; Outubro de 201.

REIS, Vanilda. **Os guardiões do vale Juruena: Rikbaktsa.** Dissertação (mestrado em Estudos Literários) - Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Tangará da Serra, p 82. 2018.